

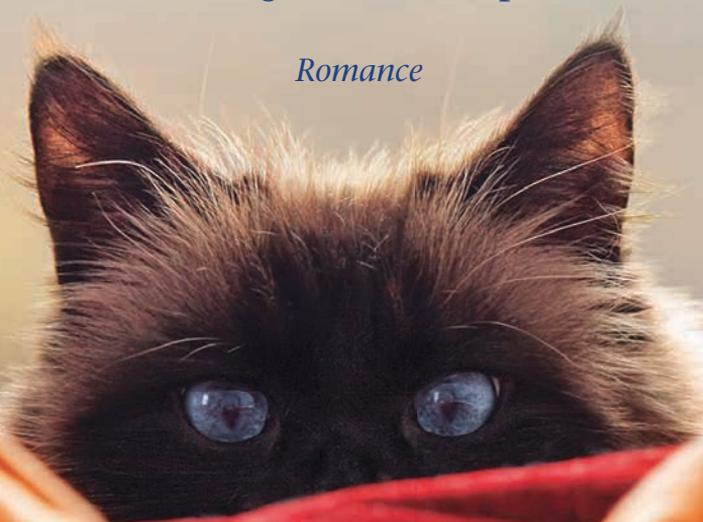
BESTSELLER INTERNACIONAL

DAVID MICHIE

A GATA DO DALAI LAMA

A sabedoria, compaixão e humor
de uma gata muito especial

Romance



nascente

Prólogo

A ideia surgiu numa manhã de sol nos Himalaias. Ali estava eu, deitada no meu lugar habitual junto ao parapeito da janela do primeiro andar — o ponto ideal para vigiar ao máximo com o mínimo de esforço — enquanto Sua Santidade terminava uma audiência privada.

Sou demasiado discreta para mencionar com quem estava a ter a dita audiência — direi apenas que é uma atriz famosa de Hollywood... Sabem qual é, a *legalmente* loira, que faz muito voluntariado com crianças e que é muito famosa pelo seu amor por burros. Sim, *essa!*

Foi quando ela estava a dar meia-volta para sair da sala que olhou pela janela, com a vista magnífica para as montanhas com os cumes cobertos de neve, que reparou em mim pela primeira vez.

— Oh! Que amorosa! — Aproximou-se para me fazer uma festa no pescoço, que recebi com um grande bocejo enquanto

esticava, trémula, as minhas patas dianteiras. — Não sabia que tinha uma gata! — exclamou.

Fico sempre surpreendida com a quantidade de pessoas que faz esta observação — embora nem todas sejam tão ousadas como a americana quando expressam o seu espanto. Por que razão Sua Santidade *não* haveria de ter uma gata, se é que, de facto, «ter uma gata» é a descrição correta da nossa relação?

Além disso, qualquer pessoa com uma boa capacidade de observação reconheceria a presença de um felino na vida de Sua Santidade pela quantidade de pelos e bigodes ocasionais que eu tinha o cuidado de deixar na sua pessoa. Se alguma vez tiverem o privilégio de se aproximar do Dalai Lama e de examinar a sua túnica, descobrirão quase de certeza um tufo de pelo branco que confirmará que, em vez de viver só, ele partilha o seu mundo interior com uma gata de criação impecável — ainda que não documentada.

Foi exatamente a esta descoberta que os *corgis* da rainha de Inglaterra reagiram com tanto vigor quando Sua Santidade visitou o Palácio de Buckingham — incidente que estranhamente passou ao lado dos *media* mundiais.

Mas estou a divagar.

Depois de me acariciar o pescoço, a atriz americana perguntou: — Ela tem nome?

— Oh, sim! Muitos nomes. — Sua Santidade fez um sorriso enigmático.

O que o Dalai Lama disse era verdade. Como muitos gatos domésticos, eu tinha adquirido uma variedade de nomes, alguns dos quais eram usados frequentemente, outros nem por isso. Um deles, em particular, não me agrada muito. Conhecido entre os funcionários de Sua Santidade com o nome por que fui ordenada, não é um nome que o Dalai Lama use — pelo menos, não

na sua versão mais longa. Tão-pouco é um nome que eu vá divulgar no meu tempo de vida. Pelo menos, não neste livro.

Bem... *certamente* não neste capítulo.

— Se ao menos ela soubesse falar — continuou a atriz —, de certeza que teria grande sabedoria para partilhar.

E assim foi plantada a semente.

Nos meses que se seguiram, vi Sua Santidade a trabalhar num novo livro: as muitas horas que passou a certificar-se de que os textos eram interpretados corretamente; todo o tempo e cuidado que investiu para se certificar de que todas as palavras que escrevia transmitiam o maior significado e benefício possíveis. Comecei a pensar cada vez mais que chegara a hora de eu escrever o meu próprio livro — um livro que transmitisse parte da sabedoria que adquiri sentada não aos pés do Dalai Lama, mas ainda mais perto, ao seu colo. Um livro que contasse a minha própria história — não tanto a da ascensão à fama e à glória, mas mais a ascensão ao templo. De como fui salva de um destino demasiado lúgubre para me tornar a companheira perene de um homem que é não apenas um dos maiores líderes espirituais do mundo e um laureado com o Prémio Nobel da Paz, mas também hábil com um abre-latas.

Muitas vezes, ao fim da tarde, quando sinto que Sua Santidade já passou demasiadas horas à secretária, salto para o parapeito da janela, dirijo-me para onde ele está a trabalhar e esfrego o meu corpo felpudo nas suas pernas. Se isso não atrair a sua atenção, enterro educadamente e com precisão os dentes na carne tenra dos seus tornozelos. É quanto basta.

Com um suspiro, o Dalai Lama afasta a cadeira, puxa-me para os seus braços e aproxima-se da janela. Quando olha para os meus grandes olhos azuis, a expressão do seu olhar é de um amor tão imenso, que nunca deixa de me encher de felicidade.

«Minha pequena *bodhigatava*», chama-me por vezes, num trocadilho com *bodhisattva*, um termo em sânscrito que, no budismo, se refere a um ser iluminado.

Juntos, observamos a vista panorâmica que abrange o vale de Kangra. Pelas janelas abertas, uma brisa suave transporta as fragrâncias do pinheiro, do carvalho dos Himalaias e do rododendro, que dão ao ar uma qualidade límpida e quase mágica. No abraço caloroso do Dalai Lama, todas as distinções se dissolvem completamente — entre observador e observado, entre gata e lama, entre a quietude do crepúsculo e o meu ronronar profundo.

É nestes momentos que me sinto profundamente grata por ser a gata do Dalai Lama.



Capítulo Um

Tenho de agradecer a um touro que estava a defecar, pelo acontecimento que viria a mudar a minha jovem vida — e sem o qual, caro leitor, não estaria a ler este livro.

Imagine uma típica tarde da monção em Nova Deli. O Dalai Lama estava a regressar a casa do Aeroporto Indira Gandhi, depois de uma viagem académica aos Estados Unidos. Quando o seu carro atravessava os arredores da cidade, o trânsito foi parado por um touro que se atravessara no meio da autoestrada, onde começou a defecar copiosamente.

Vários carros recuaram no engarrafamento, enquanto Sua Santidade estava a olhar calmamente pela janela, à espera que o trânsito recomeçasse a andar. Ali sentado, a sua atenção foi atraída para o drama que se desenrolava na berma da estrada.

No meio do clamor dos peões e ciclistas, proprietários de bancas de comida e pedintes, duas crianças maltrapilhas estavam ansiosas por pôr fim ao dia de trabalho. No início daquela manhã,

tinham encontrado uma ninhada de gatinhos, escondida num beco atrás de uma pilha de sacos de serapilheira. Estudando mais atentamente a sua descoberta, rapidamente perceberam que tinham encontrado algo de valor. É que os gatinhos não eram gatos comuns; claramente eram felinos de uma raça superior. Os jovens rapazes não estavam familiarizados com a raça himalaica, mas reconheceram nos nossos olhos cor de safira, na nossa pelagem bonita e luxuriante, um bem comercializável.

Arrancando-nos do confortável ninho onde a nossa mãe cuidara de nós, atiraram comigo e com os meus irmãos para a assustadora agitação da rua. Ao fim de alguns momentos, as minhas duas irmãs mais velhas, que eram muito maiores e mais desenvolvidas que os restantes de nós, haviam sido trocadas por rupias — um acontecimento tão excitante que, pelo caminho, me deixaram cair, fazendo-me aterrorizar dolorosamente no passeio e por pouco não fui morta por uma *scooter*.

Os rapazes tiveram muito mais dificuldade em vender-nos, os dois gatinhos mais pequenos e escanzelados. Percorreram as ruas durante várias horas, empurrando-nos vigorosamente contra as janelas dos carros que passavam. Eu era demasiado jovem para ser tirada da minha mãe e o meu pequeno corpo não conseguia lidar com a situação. Em rápido declínio pela falta de leite e ainda com dores por causa da queda, eu estava quase inconsciente quando os rapazes cativaram o interesse de um transeunte idoso, que estava a pensar arranjar um gatinho para a neta pequena.

Fazendo-lhes sinal para que nos pousassem no chão, agachou-se e inspecionou-nos atentamente. O meu irmão mais velho caminhou pela poeira da beira da estrada, miando a suplicar por leite. Quando me empurraram pela parte de trás para me obrigarem a mexer, só consegui dar um cambaleante passo em frente antes de cair numa poça de lama.

Foi exatamente esta cena que Sua Santidade testemunhou.

E a cena que se seguiu.

Foi combinado o preço da venda e o meu irmão foi entregue ao homem desdentado. Entretanto, eu fui deixada no meio da poeira enquanto os dois rapazes discutiam o que fazer comigo e um deles me empurrava bruscamente com o dedo grande do pé. Decidiram que não era possível vender-me e, pegando na página desportiva de uma edição da semana anterior do jornal *Times of India*, que voara para uma sarjeta próxima, embrulharam-me como um pedaço de carne podre destinado ao monte de lixo mais próximo.

Comecei a sufocar dentro do jornal. Cada inspiração era uma luta. Já fraca do cansaço e da fome, senti a chama da vida no meu interior fraquejar perigosamente. A morte parecia-me inevitável naqueles últimos momentos desesperados.

Mas Sua Santidade enviou o seu assistente primeiro. Acabado de sair do avião que chegava da América, o assistente do Dalai Lama tinha duas notas de um dólar na túnica. Entregou-as aos rapazes, que se afastaram apressadamente, especulando com grande entusiasmo sobre quanto renderiam os dólares após a conversão para rupias.



Depois de desembrulhada da armadilha mortal da secção desportiva do jornal («Bangalore Esmaga Rajastão por 9 *Wickets*», dizia a manchete), em pouco tempo dei comigo a descansar confortavelmente na parte de trás do carro do Dalai Lama. Momentos mais tarde, tinham comprado leite a um vendedor de rua e estavam a deitá-lo aos pingos para a minha boca enquanto Sua Santidade devolvia a vida à minha forma inerte.

Não me lembro dos pormenores do meu salvamento, mas a história foi contada tantas vezes que a conheço de cor. Lembro-me de acordar num santuário de tão infinito conforto que, pela primeira vez desde que fui arrancada do nosso ninho de serapilheira naquela manhã, senti que tudo estava bem. Olhando em volta para descobrir a fonte do meu alimento e segurança recém-descobertos, dei comigo a olhar diretamente para os olhos do Dalai Lama.

Como descrever o primeiro momento em que estive na presença de Sua Santidade?

Era tanto sensação como pensamento — uma noção muito profunda e reconfortante de que tudo estava bem. Como viria a perceber mais tarde, era como se pela primeira vez me desse conta de que a minha verdadeira natureza é feita de amor e compaixão ilimitados. Sempre lá estive, mas o Dalai Lama vê-a e reflete-a. Percebe a nossa natureza de Buda, e esta revelação extraordinária leva as pessoas às lágrimas.

No meu caso, embrulhada num pedaço de lã castanha-avermelhada numa cadeira no escritório de Sua Santidade, também me dei conta de outro facto — um que é extremamente importante para todos os gatos: estava em casa de uma pessoa que gostava de gatos.



A par desta sensação forte, também me dei conta de uma presença menos afável do outro lado da mesa de centro. Em Dharamsala, Sua Santidade havia retomado a sua rotina de audiências e estava a cumprir um compromisso há muito marcado: o de dar uma entrevista a um professor de História que estava de visita da Grã-Bretanha. Não sei dizer ao certo qual, mas vinha de uma das duas mais famosas universidades inglesas.

O professor estava a escrever um tomo sobre a História Indo-Tibetana e pareceu irritado ao descobrir que não era o centro exclusivo da atenção do Dalai Lama.

— Uma gata vadia?! — exclamou, depois de Sua Santidade explicar brevemente o motivo por que eu estava a ocupar o lugar entre eles.

— Sim — confirmou o Dalai Lama, antes de responder não tanto às palavras da visita, mas mais ao seu tom de voz. Olhando o professor de História com um sorriso bondoso, falou com aquela voz intensa e quente de barítono com que tanto me familiarizei.

— Sabe, professor, o senhor e esta gatinha vadia têm uma coisa muito importante em comum.

— Não imagino o que possa ser — respondeu friamente o professor.

— A sua vida é, para si, a coisa mais importante do mundo — disse Sua Santidade. — O mesmo é verdade em relação a esta gatinha.

Pela pausa que se seguiu, tornou-se evidente que, apesar de toda a sua erudição, o professor nunca fora confrontado com uma ideia tão alarmante.

— Não está, certamente, a dizer que a vida de um ser humano e a vida de um animal têm o mesmo valor? — arriscou.

— Enquanto seres humanos, temos um potencial muito maior, obviamente — respondeu Sua Santidade. — Mas a forma como desejamos acima de tudo preservar a nossa vida, a forma como nos agarramos à nossa experiência particular da consciência, *neste* aspeto, os seres humanos e os animais são iguais.

— Bem, talvez algum dos mamíferos mais complexos... — O professor estava a debater-se com este pensamento perturbador. — Mas nem todos os animais. Quero dizer, não as *baratas*, por exemplo.

— Incluindo as baratas — disse Sua Santidade, persistindo. — Todos os seres que têm consciência.

— Mas as baratas transportam sujidade e doenças. *Temos* de as pulverizar.

Sua Santidade levantou-se e caminhou para junto da secretária, onde pegou numa caixa de fósforos grande. — Este é o nosso transporte de baratas — disse. — É muito melhor do que inseticida. De certeza — continuou, com o seu riso característico — que *o senhor* não deseja ser perseguido por uma lata gigante de gás tóxico?

O professor reconheceu aquele comentário sábio e invulgar em silêncio.

— Para todos nós com consciência — o Dalai Lama regressou ao seu lugar —, a vida é muito preciosa. Portanto, precisamos muito de proteger todos os seres conscientes. Além disso, temos de reconhecer que partilhamos os mesmos dois desejos básicos: o desejo de desfrutar da felicidade e o desejo de evitar o sofrimento.

São estes os temas que ouvi o Dalai Lama repetir frequentemente e de formas ilimitadas. No entanto, sempre que fala com uma clareza tão vívida e com tão grande impacto, é como se estivesse a expressá-los pela primeira vez.

— Todos partilhamos estes desejos. Mas também as formas como procuramos a felicidade e tentamos evitar o desconforto são iguais. Quem de nós não aprecia uma refeição deliciosa? Quem não deseja dormir em segurança numa cama confortável? Autor, monge — ou gatinha vadia —, todos somos iguais nesse aspeto.

Do outro lado da mesa, o professor de História agitou-se no seu lugar.

— Acima de tudo — disse o Dalai Lama, inclinando-se para a frente e tocando-me com o dedo indicador —, todos nós queremos ser amados.

Nessa tarde, quando o professor saiu, tinha mais em que pensar além das opiniões gravadas do Dalai Lama sobre a História Indo-Tibetana. A mensagem de Sua Santidade era exigente. Confrontava-o, mesmo. Mas não era algo que pudesse ignorar facilmente... como vamos descobrir.



Nos dias que se seguiram, familiarizei-me rapidamente com o meio que me rodeava. O acolhedor ninho que Sua Santidade criou para mim feito de uma túnica de lã. As mudanças da luz nas salas à medida que o sol subia no céu, passava por cima de nós e se punha todos os dias, e a ternura com que ele e os seus dois assistentes executivos me davam leite quente até eu estar suficientemente forte para começar a comer sólidos.

Também comecei a explorar, primeiro a suíte do Dalai Lama, depois, para além dela, o escritório que era partilhado pelos dois assistentes executivos. Aquele que se sentava mais perto da porta, o jovem e rechonchudo monge com um rosto sorridente e mãos macias, era Chogyal. Ajudava Sua Santidade com os assuntos monásticos. O mais velho e mais alto, que se sentava à sua frente, era Tenzin. Sempre de fato muito elegante, com mãos que tinham o aroma pungente e limpo de sabão carbólico, era um diplomata profissional e adido cultural que assistia o Dalai Lama nos assuntos seculares.

No primeiro dia, dobrei a esquina a cambalear para dentro do seu escritório e houve uma paragem abrupta na conversa.

— Quem é esta? — quis saber Tenzin.

Chogyal riu-se quando me levantou e me pousou na sua secretária, onde o meu olhar foi imediatamente atraído pela tampa azul brilhante de uma caneta *Bic*. — O Dalai Lama salvou-a quando estava a sair de Deli — disse Chogyal, repetindo a história do

assistente enquanto eu fazia a tampa da *Bic* saltar pelo tampo da secretária.

— Porque caminha de forma tão estranha? — quis saber o outro.

— Parece que a deixaram cair de costas.

— Hum. — Tenzin pareceu desconfiado enquanto se debruçava para a frente, observando-me atentamente. — Talvez estivesse subnutrida, sendo a gatinha mais pequena. Tem nome?

— Não — respondeu Chogyal. Então, depois de nós os dois termos atirado a tampa da caneta para um lado e para o outro algumas vezes, exclamou: — Temos de lhe dar um nome! — Pareceu entusiasmado com o desafio. — Um nome pelo qual será ordenada. O que acha, tibetano ou inglês? (No budismo, quando alguém é ordenado monge ou monja, recebe um nome destinado a marcar a sua nova identidade.)

Chogyal sugeriu várias possibilidades antes de Tenzin dizer: — É melhor não forçar estas coisas. De certeza que algum vai surgir quando a conhecermos melhor.

Como sempre, o conselho de Tenzin foi simultaneamente sábio e profético — para meu azar, como se veio a descobrir. Perseguindo a tampa da caneta, passei da secretária de Chogyal para o meio da de Tenzin, antes que o velho agarrasse a minha forma pequena e felpuda e me pousasse no tapete.

— É melhor que fiques aí — disse. — Tenho aqui uma carta de Sua Santidade para o Papa, e não queremos que fique coberta de marcas das tuas patas.

Chogyal riu-se: — Assinado pela Gata de Sua Santidade.

— GSS — retorquiu imediatamente Tenzin. Na correspondência oficial, Sua Santidade é frequentemente referido como SSDL. — Pode ser esse o título provisório dela até encontrarmos um nome adequado.

Para lá do escritório dos assistentes executivos ficava um corredor que levava a outros escritórios e terminava numa porta que era mantida cuidadosamente fechada. Soube pela conversa que ouvi no escritório dos assistentes executivos que a porta conduzia a muitos sítios, incluindo O Andar de Baixo, A Rua, O Templo e até O Estrangeiro. Era por esta porta que todos os visitantes de Sua Santidade entravam e saíam. Abria-se para um mundo completamente novo. Mas nesses primeiros tempos, como gatinha muito pequena, eu estava perfeitamente satisfeita deste lado da porta.



Tendo passado os meus primeiros dias na Terra num beco, eu compreendia mal a vida humana — e não fazia ideia do quanto a minha nova situação era invulgar. Quando Sua Santidade saía da cama todas as manhãs às três horas, para meditar durante cinco horas, eu seguia-o e enroscava-me muito a seu lado, desfrutando do seu calor e energia. Pensava que a maioria das pessoas começava o dia a meditar.

Quando chegavam visitantes para ver Sua Santidade, eu reparava que sempre lhe ofereciam um lenço, ou *kata*, que ele logo devolvia com uma bênção. Presumi que era assim que os humanos recebiam as visitas. Também tinha consciência de que muitas das pessoas que visitavam Sua Santidade tinham percorrido longas distâncias para o fazer; também isso me parecia perfeitamente normal.

Até que, um dia, Chogyal me pegou ao colo e me fez cócegas no pescoço. — Estás a perguntar-te quem são todas estas pessoas? — perguntou, seguindo o meu olhar para as muitas fotografias emolduradas na parede do escritório dos assistentes executivos.

Apontando para algumas das fotografias, disse: — Estes são os últimos oito presidentes dos Estados Unidos a cumprimentar Sua Santidade. É uma pessoa muito especial, sabes?

E eu sabia disso, porque sempre se certificara de que o meu leite estivesse quente — mas não demasiado — antes de mo dar.

— É um dos grandes líderes espirituais do mundo — continuou Chogyal. — Acreditamos que é uma encarnação de Buda. Deves ter uma relação kármica muito próxima com ele. Seria interessante saber qual é.

Alguns dias mais tarde, percorri o corredor em direção à pequena cozinha e à salinha de estar onde alguns dos funcionários do Dalai Lama iam para relaxar, almoçar ou fazer chá. Havia vários monges sentados num sofá, a ver uma peça gravada do noticiário sobre a recente visita de Sua Santidade aos EUA. Por esta altura, já todos sabiam quem eu era — na verdade, tinha-me tornado a mascote do escritório. Saltando para o colo de um dos monges, deixei-o acariciar-me enquanto via televisão.

Inicialmente só vi uma grande multidão, com um pontinho vermelho no centro, enquanto a voz de Sua Santidade se fazia ouvir com grande clareza. Mas à medida que a notícia avançava, percebi que o pontinho vermelho era Sua Santidade no centro de um grande recinto desportivo. Era uma cena que se repetia em todas as cidades que visitava, de Nova Iorque a São Francisco. O jornalista comentou que as grandes multidões que se reuniam para o ver em todas as cidades mostravam que ele era mais popular do que muitas estrelas *rock*.

Aos poucos, comecei a perceber o quanto o Dalai Lama era extraordinário e tido em alta consideração. E talvez por causa do comentário de Chogyal sobre a nossa «relação kármica muito próxima», a dada altura comecei a acreditar que também eu devia ser muito especial. Afinal, fora eu quem Sua Santidade salvara

de uma sarjeta de Nova Deli. Teria ele visto em mim um espírito irmão — um ser consciente que estava no mesmo comprimento de onda que ele?

Quando ouvia Sua Santidade a falar aos seus visitantes da importância da bondade, ronronava de contentamento, certa do conhecimento de que era exatamente a minha opinião. Quando ele abria a minha lata de *Snappy Tom*, parecia-me tão óbvio como para ele que todos os seres conscientes desejavam satisfazer as mesmas necessidades básicas. E enquanto acariciava a minha barriga volumosa depois do jantar, parecia-me igualmente claro que ele tinha razão: todos nós só queremos ser amados.

Por esta altura falou-se bastante do que aconteceria quando Sua Santidade partisse numa viagem de três semanas à Austrália e à Nova Zelândia. Com esta e muitas outras viagens planeadas, eu devia permanecer nos aposentos do Dalai Lama, ou seria melhor que encontrassem uma nova casa para mim?

Nova casa? A ideia parecia uma loucura! Eu era a GSS e tornara-me rapidamente uma parte vital daquele contexto. Não havia ninguém com quem desejasse mais viver do que com o Dalai Lama. E tinha vindo a acarinhar outras partes da minha rotina diária, como a de tomar banhos de sol no parapeito da janela enquanto Sua Santidade falava com os visitantes, a de comer a comida deliciosa que ele e os seus funcionários me serviam num pires, a de ouvir os concertos da hora de almoço na companhia de Tenzin.

Embora o adido cultural de Sua Santidade fosse tibetano, tinha-se licenciado na Universidade de Oxford, em Inglaterra, onde estudara com vinte e poucos anos, desenvolvendo assim um gosto por tudo o que era europeu. Todos os dias, à hora de almoço, e a menos que houvesse assuntos mais urgentes a que

atender, Tenzin levantava-se da secretária, pegava na pequena caixa plástica com o almoço que a mulher tinha preparado para ele e atravessava o corredor em direção à sala de primeiros-socorros. Raramente usada para essa finalidade, a sala continha uma cama, um armário de medicamentos, uma poltrona e um sistema de som portátil que pertencia a Tenzin. Certo dia, seguindo-o até esta sala movida pela curiosidade, vi-o a instalar-se na poltrona e a carregar num dos botões do controlo remoto da aparelhagem. Subitamente, a sala encheu-se de música. De olhos fechados, ele encostou a cabeça às costas da poltrona, com um sorriso a surgir-lhe nos lábios.

— O *Prelúdio em Dó Maior*, de Bach, GSS — disse quando a breve peça de piano terminou. Eu nem tinha percebido que ele sabia que eu estava na sala com ele. — Não é delicioso? Um dos meus preferidos. Tão simples: uma única melodia, sem harmonia, mas que transmite uma profundidade de emoções tão grande!

Aquela acabou por se revelar a primeira de uma série quase diária de lições de música e cultura ocidental que recebi de Tenzin. Parecia apreciar genuinamente a minha presença enquanto ser com quem podia partilhar o seu entusiasmo com aquela ária operática ou aquele quarteto de cordas — ou, ocasionalmente, a reencenação de um qualquer acontecimento histórico numa peça radiofónica.

Enquanto ele comia o que quer que a sua caixa de plástico contivesse, eu enrolava-me na cama dos primeiros-socorros — liberdade que ele permitia, uma vez que só lá estávamos os dois. O meu apreço pela música e pela cultura ocidental começou a desenvolver-se, uma hora de almoço de cada vez.



Até que um dia aconteceu algo inesperado. Sua Santidade estava no templo e A Porta tinha sido deixada aberta. Nessa altura, já eu me tinha tornado uma gatinha aventureira que não se contentava em passar o tempo todo embrulhada em lã. Atravessando o corredor em busca de estímulo, quando vi A Porta aberta, soube que tinha de a atravessar para explorar os muitos lugares que havia do outro lado.

O Andar de Baixo. O Exterior. O Estrangeiro.

De alguma forma, desci cambaleante os dois lanços de escadas, grata pela alcatifa, uma vez que a descida acelerou até me fazer perder o controlo e me fazer aterrar num amontoado pouco digno ao fundo das escadas. Erguendo-me, continuei a percorrer o curto corredor e saí para O Exterior.

Era a primeira vez que ia à rua desde que fui arrancada das sarjetas de Nova Deli. Ouvei um burburinho, senti uma onda de energia, pessoas a caminhar em todas as direções. Não tinha chegado muito longe quando ouvi um coro de guinchos agudos e as batidas de muitos pés no passeio. Um grupo de estudantes japonesas viu-me e perseguiu-me.

Entrei em pânico. Correndo o mais depressa que as minhas trémulas patas traseiras permitiam, fugi para longe da horda guinchante. Ouvia-as a ganhar terreno. Não ia conseguir escapar-lhes. O som dos sapatos de couro a bater no passeio tornou-se forte como trovões.

Foi então que vi uma pequena abertura por entre as colunas de tijolo que sustentavam uma varanda. Uma abertura para baixo do edifício. A passagem era estreita e eu tinha muito pouco tempo. Além disso, não fazia ideia para onde aquela abertura conduzia. Mas quando corri lá para dentro, o pandemónio terminou abruptamente. Dei comigo num pequeno vão entre o chão e os tacos de madeira. Era escuro e poeirento, e ouvia-se a batida constante e

seca dos pés das pessoas que caminhavam lá em cima. Mas pelo menos estava em segurança. Perguntei-me quanto tempo teria de permanecer ali até as raparigas desaparecerem. Afastando uma teia de aranha do rosto, decidi não me arriscar a sofrer novo ataque.

À medida que os meus olhos e ouvidos se adaptavam ao meio envolvente, tive consciência do som de arranhadelas — esporádico mas insistente. Parei, de narinas abertas, enquanto farejava o ar. Além do som de incisivos a mastigar, detetei um cheiro pungente que me fez estremecer os bigodes. A minha reação, instântânea e poderosa, ativou um reflexo que eu não sabia que tinha.

Embora nunca tivesse visto um rato, reconheci imediatamente uma presa. Estava agarrado aos tijolos, com a cabeça parcialmente enterrada numa viga de madeira que escavava com os grandes dentes incisivos.

Avancei sorrateiramente, uma abordagem disfarçada pelo som constante dos passos no piso de cima.

O instinto apoderou-se de mim. Com um único golpe com a pata dianteira, fiz o roedor perder o equilíbrio e cair ao chão, onde ficou, atordoado. Inclinando-me para a frente, enterrei-lhe os dentes no pescoço. O corpo dele ficou inerte.

Soube exatamente o que devia fazer a seguir. Com a presa na boca, voltei a dirigir-me para a abertura entre as colunas de tijolo, observei os movimentos dos peões lá fora e, não vendo estudantes japonesas, voltei a atravessar o passeio a correr e a entrar no edifício. Avançando apressada pelo corredor, subi as escadas até à Porta. Estava fechada.

E agora? Fiquei ali sentada algum tempo, a perguntar-me quanto tempo teria de esperar, até que finalmente chegou um funcionário de Sua Santidade. Reconhecendo-me, mas sem prestar atenção ao troféu que trazia na boca, deixou-me entrar. Atravessei o corredor e dobrei a esquina.

Uma vez que o Dalai Lama ainda estava no templo, fui até ao escritório dos assistentes executivos, largando o rato e anunciando a minha chegada com um miado ansioso. Reagindo ao tom pouco familiar, Chogyal e Tenzin viraram-se e fitaram-me, surpreendidos, enquanto eu ali esperava, orgulhosa, com o rato na alcatifa, aos meus pés.

A reação não foi nada como eu esperava. Trocando um olhar severo, ambos se levantaram de um pulo. Chogyal pegou em mim e Tenzin ajoelhou-se junto do rato imóvel.

— Ainda respira — disse. — Provavelmente está em choque.

— A caixa da impressora — disse Chogyal, apontando para a caixa de cartão vazia de onde acabara de tirar um tinteiro novo.

Com o auxílio de um envelope, Tenzin moveu o rato para dentro do recipiente vazio. Observou-o atentamente. — Onde é que achas...?

— Esta tem teias de aranha nos bigodes — observou Chogyal, inclinando a cabeça na minha direção.

Esta? Mas isso era forma de se referirem à GSS?

Naquele momento, o motorista do Dalai Lama entrou no escritório. Tenzin estendeu-lhe a caixa com a instrução de que devia observar o rato e, se recuperasse, devia libertá-lo na floresta próxima.

— A GSS deve ter saído — disse o motorista, fitando o meu olhar azul.

Chogyal ainda estava a segurar-me, não com o habitual gesto carinhoso, mas como se prendesse uma fera selvagem. — GSS. Já não estou tão certo desse título — disse.

— Era apenas um título provisório — concordou Tenzin, regressando à sua secretária. — Mas Rateira de Sua Santidade não me parece adequado.

Chogyal voltou a pousar-me na alcatifa.

— Então, e se o nome por que vai ser ordenada fosse apenas Rateira? — sugeriu o motorista. Mas devido ao seu pronunciado sotaque tibetano, soou como Gateira.

Agora, os três homens estavam a observar-me atentamente. A conversa tinha sofrido uma perigosa mudança de direção, que lamentei desde esse dia.

— Não pode ser apenas Gateira — disse Chogyal. — Tem de ser Qualquer-Coisa Gateira ou Gateira Qualquer-Coisa.

— Monstro Gateiro — interveio Tenzin.

— Gateira Assassina? — sugeriu Chogyal.

Houve uma pausa e depois o motorista saiu com ele. — E se fosse Gateira-Mor? — sugeriu.

Os três homens desataram a rir enquanto olhavam para a minha forma pequena e felpuda.

Tenzin forçou uma expressão séria enquanto me fitava diretamente: — A compaixão é uma coisa muito bonita. Mas acham mesmo que Sua Santidade devia estar a partilhar os aposentos com a Gateira-Mor?

— Ou a deixar a Gateira-Mor no comando durante três semanas enquanto visita a Austrália? — ponderou Chogyal, enquanto os três desatavam novamente a rir.

Levantando-me, saí do escritório, com as orelhas firmemente puxadas para trás e a cauda a abanar.



Nas horas que se seguiram, sentada na tranquila luz do sol da janela de Sua Santidade, comecei a dar-me conta da gravidade do que fizera. Durante quase toda a minha jovem vida ouvira o Dalai Lama a fazer notar que as vidas de todos os seres conscientes eram tão importantes para eles como as nossas são para nós.

Mas que atenção havia prestado a isso na única ocasião em que estivera no mundo?

A ideia de que todos os seres desejam ser felizes e evitar o sofrimento não me tinha cruzado o espírito enquanto perseguia o rato. Simplesmente deixara o instinto assumir o comando. Nem por um momento ponderei as minhas ações do ponto de vista *do rato*.

Estava a começar a perceber que, só por uma ideia ser simples, não é necessariamente fácil de seguir. Ronronar em sinal de acordo com princípios elevados não significava nada a menos que os *seguisse*.

Perguntei-me se diriam a Sua Santidade qual era o meu novo nome — a triste lembrança da maior transgressão da minha jovem vida. Ficaria tão horrorizado quando soubesse o que tinha feito a ponto de me banir para sempre do seu belo porto de abrigo?



Felizmente para mim, o rato recuperou. E quando Sua Santidade regressou, viu-se imediatamente retido por uma série de reuniões.

Só muito tarde nessa noite é que falou no assunto. Tinha estado sentado na cama a ler quando fechou o livro, tirou os óculos e os pousou na mesa de cabeceira.

— Eles contaram-me o que aconteceu — murmurou, estendendo a mão para o local onde eu dormitava, ali perto. — Às vezes, o nosso instinto, o nosso condicionamento negativo, pode ser avassalador. Mais tarde arrependemo-nos de grande parte do que fizemos. Mas isso não é razão para desistires de ti; os budas não desistiram de ti. Em vez disso, aprende com o teu erro e segue em frente. Só isso.

Desligou a luz da mesa de cabeceira e, enquanto estávamos ali deitados às escuras, ronronei de agrado.

— Amanhã começamos de novo — disse.



No dia seguinte, Sua Santidade estava a ver o correio que os assistentes executivos tinham selecionado para lhe entregar dos sacos que chegavam todas as manhãs.

Erguendo no ar uma carta e um livro enviados pelo professor de História de Inglaterra, ele virou-se para Chogyal: — Isto é muito simpático.

— Sim, Sua Santidade — concordou Chogyal, estudando a capa brilhante do livro.

— Não estou a pensar no livro — disse Sua Santidade —, e sim na carta.

— Sim?

— Depois de refletir sobre a nossa conversa, o professor diz que parou de usar veneno para matar os caracóis das suas roseiras. Em vez disso, agora liberta os caracóis do outro lado do muro do jardim.

— Muito bem! — disse Chogyal com um sorriso.

O Dalai Lama olhou diretamente para mim. — Gostámos de o conhecer, não gostámos? — Lembrei-me que, nessa altura, pensei que o professor parecia uma pessoa muito pouco iluminada. Mas depois do que eu fizera no dia anterior, não me cabia julgar.

— Mostra que temos a capacidade de mudar, não mostra, Gateira?



Uma gatinha frágil e faminta é resgatada das ruas de Nova Deli por Sua Santidade, o Dalai Lama, e torna-se a companheira preferida do líder espiritual tibetano. Esta é a sua história — contada na primeira pessoa.

Na nova casa, um mosteiro com vista deslumbrante sobre os picos nevados dos Himalaias, a gata do Dalai Lama testemunha encontros com estrelas de Hollywood, mestres budistas, professores de universidades de topo, filantropos e muitas outras pessoas que procuram os conselhos do seu dono.

São estas as histórias que a gatinha nos conta, de modo **divertido, irreverente e sábio**, proporcionando ensinamentos sobre como encontrar a **felicidade** e o **significado da vida** num mundo tão intenso e materialista.



«— Oh! Que amorosa! Não sabia que tinha uma gata! — exclamou. Fico sempre surpreendida com a quantidade de pessoas que fazem esta observação. Porque é que Sua Santidade não haveria de ter uma gata? — Se ao menos ela soubesse falar — continuou. — De certeza que teria grande sabedoria para partilhar.

E daqui nasceu a ideia... Comecei a pensar que talvez tivesse chegado a hora de escrever o meu próprio livro, que transmitisse a sabedoria que adquiri sentada, não aos pés do Dalai Lama, mas ao seu colo.»



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

www.nascente.pt


o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-668-291-0



9 789896 682910

Ficção inspiracional